

Marx-escritor: sim Mauraux-ministro: não!

PARIS. — O número 972 da revista francesa *ARTES*, posta à venda em França do mês passado, constitui quase todo o um cerrado ataque a André Mauraux. Entende-se: não ao André Mauraux escritor, que subverbera alguns dos mais belos romances franceses deste século — mas ao mesmo homem nas suas funções de ministro da Cultura do governo de De Gaulle. É este último que «arta» em várias páginas carregadas de artigos e textos troia; não os seus erros que a prestigiosa revista literária sponia mais, e, implicitamente, com os lugares do manifesto agravaamento da crise cultural francesa.

Nom dos ataques («Les Paris études de André Mauraux» escreve André Thierry: «Saúlamos a sua crítica para o governo quando a crise des-

ta dedicaram: só assim se eleva a arte ao povo. Uma verdade, não com-

em contrapartida, e aliciados a Avenida do Milho foram representar a «eterna Tragédia para as Américas» o Japão, onde os interessados, desfilam, em de bichas sob a vigilância cronometrada da polícia, tinham 35 segundos para se apreciar. Nisso se foi o dinheiro que possibilita a sua exposição, nenhuma se realizou por iniciativa oficial.

NENHUM SALAO PARA LIEBES DAR LUGAR. Mauraux decidiu converter em refatório para estudantes o único local de Paris devidamente apto para uma exposição: o Grand Palais. O refatório não é frequentado: os estudantes, da Universidade para lá, teriam quase que atravessár Paris.

Os LOUVRES — Os emprêdos do mais célebre museu do mundo são miseravelmente paços, talvez com, compensação para a dose máxica de escultura do Louvre: três de manhã e outra às 5 horas; para o visitar aqueles que trabalham dispõem dos domingos. Muito legitimamente, não dá, preferem o futebol.

VARIAIS — Sumariamente e sob este título anotamos mais as seguintes da crítica lista de acuradas feitas por Thierry a Mauraux: tranquiliza, considerando um sistema de ensino, nas belas-arts, que não passa dos reis e mortais do que teria sido vivo, a princípio do século XIX; amor pela gran-

(Conclui na 7.ª pág.)

ESTA PÁGINA SAI TODAS AS SEMANAS

OS LITOTES DO HOMEM E O PEPLAMENTO E SARTRE

Atacado por marxistas e católicos, Sartre é uma das mais fascinantes personalidades da cultura francesa do XX. Criador de uma espécie de crítica neo-literária, neo-filosófica este existencialismo situ a seguinte ordem: categorias. Coloca-se como consciência perante uma outra consciência: a do romancista. Quando fala de Paul Kierke de *Dois Passos ao céu* Mauriaux — é o que se passa na consciência dentro romancista que ele pretende examinar. Antes de tudo, dentro que existe um tempo do romance, como um «tempo próprio» da consciência e que antes tempo diverso não tem nada a ver com o nosso, próprio tempo de vida.

lado a sistematização filosófica de verdade que não é falsidade nem com Sartre, o Rouquente de *As Náuseas* e o herói do dilema conhecido que, à contra mais em que se aplica: «Depois, é toda uma longa, admirável, meditação sobre o homem. Uma por nada, não é a realidade, a busca faciente, repleta de contradições, a força de lucidez e espírito crítico, encontra-se sem alimento para a vida, permanecer com efeito de uma il-

trabalha, por nada, mais que não entrar de gide conhecido que, à contra mais em que se aplica: «Depois, é toda uma longa, admirável, meditação sobre o homem. Uma por nada, não é a realidade, a busca faciente, repleta de contradições, a força de lucidez e espírito crítico, encontra-se sem alimento para a vida, permanecer com efeito de uma il-

ponha: as politicas pouca atenção concediam aos problemas das artes e das letras, pouca exploração para efeito de eleição, e o autor da «Condição Humana», encontrava enfim uma tarefa à sua medida, à medida do seu talento, da sua ambição, da sua inteligência. Mas as decepções não lardaram, e ao desalento sucederam-se a indignação e a revolta.

PROMESSAS E ESQUECIMENTOS — «1 por cento dos orçamentos escolares está investido em trabalhos de colaboração entre artistas e arquitetos. Depois Mauriaux moderou: «o dinheiro da França não é para os artistas pobres. É a verbas foi para Brecht, o qual mural do Louvre» e para Chagal (o lecto da obra).

A. PROMOCÇÃO POPULAR — Há que facilitar a iniciação na arte e permitir a todos o suficiente lazer para se

«LUANDA» assinala o nascimento DE UMA LITERATURA

A excepção da poesia (além de uma poesia recente, pois, por exemplo, o caso de Vieira da Cruz não pode ser considerado) não se podia falar de uma literatura angolana. Contudo, o idioma português não-bera já adaptar-se às condições particulares dos trópicos, desenvolvendo-se em novas línguas que haviam produzido autênticas literaturas diversificadas e autónomas do brasileiro, o crioulo cabo-verdeano, o forro de S. Tomé.

do, Melhor, ainda não recontecer. Dikemo reconhece, porque não pode imaginar-se o escritor que decide inventar uma língua, com falar de uma literatura angolana. O seu léxico, o seu gramático, a sua lógica interna. Essa língua deverá existir na boca do povo, ter-se formado por necessidade e adaptação local do português, da sua fusão com o ambiente, os problemas de necessidades e as línguas locais.

A flicção de Angola continuava a ser representada pela poesia (Conclui na 7.ª pág.)

Esqueceremos Jaures?

Passou o cinquentenário da morte de Jean Jaures, assassinado em Paris no estalhar da tremenda carnificina da guerra de 1914 — e parece que pouco lembraram a homenagem, selada pelo maior sacrificio do grande patinista da Paz. Há memória, apenas, de dois livros publicados em França, um, das Editions Gentilier, resultando, alguns discursos de poderosa eloquência; outro, das Editions Merges, em que André Robinet estudia a literatura filosófica do pensador que deu ao latuismo uma das mais belas e cristalinas expressões morais e intelectuais neste século. Quantos saberão hoje, nas novas gerações europeias, quem foi o e que foi Jaures? E, no entanto, se alguns dia a Europa unificada e pacificada se tornar uma realidade para além das sofisticadas dos estranhos economias, é na raíz do apodolado jauresiano que poderão encontrar-se as razões mais profundas da «utopia» finalmente cumprida. Dous ou três geracoes bastam para um emagrecido esquecimento.

ALVARO SALEMA

LEIA • ASSINE
E DIVULGUE
«ABC» — Diário de Angola

poesia é proibido chorar de gabriel celaya

Gabriel Celaya nasceu em Hernal (País Vasco), em 1911. Engenheiro de profissão, é no entanto, a poesia que dedica o máximo do seu talento. Reside em Madrid. Tem publicado varios livros de versos. E um dos mais representativos poetas da Espanha de hoje. O poema «É proibido chorar» foi traduzido por Egipio Gonçalves.

É proibido chorar.
É proibido ir com os risos para o mar
onde tudo é igual.
K proibido sorrir
de modo subtil, sem nada dizer,
dizendo que tanto faz o sim ou não.
É proibido violentar
e, ainda que armados de raiva, atacar.
É proibido ferar.
L proibido falar do fim
quanto tudo é no entanto um: ai! não ai,
é um fluante ver chegar.
É proibido o gesto
de consciência pessoal, pisar de olhos da liberdade,
porque existem os outros.
É proibido morrer
o herói do gide conhecido, ou porque assim
se descança de existir.
É proibida a moral
dos boas intenções, que, amoral,
por nada, não é a realidade, a busca faciente, repleta de contradições, a força de lucidez e espírito crítico, encontra-se sem alimento para a vida, permanecer com efeito de uma il-

NOVIDADES

- William Saroyan — O K. Baby, o mundo é assim (L. Bolso-63)
- Jean Riverain — Marco Polo através da Ásia desconhecida (B. Rapazes, 66)
- Richard Church — Excursão acidentada (B. Rapazes-67)
- Leon Uriis — As Colinas da Ira (2.ª edição)
- César Nogueira — Notas para a história do socialismo em Portugal (1871-1910)
- João Gaspar Simões — Literatura, Literatura, Literatura... de Sá de Miranda ao concretismo brasileiro. (Col. Problemas-6)
- Branco da Terra — Guiné do Século XV — Cidades de 200 000 habitantes...
- Voltaire — História de Jenni (BAB-30)
- João Gaspar Simões — Itinerário Histórico da Poesia Portuguesa (BAB-31/32)
- Edmund Cooper — Astronave da esperança (Gol Argonauta-87)
- Juan Garcia Hortelano — Novas Amizades
- Henrik Ibsen — Os Pilares da Comunidade (Teatro)
- K. Papiaianou — Hegel (V. P. Obra)
- Jaime Cortesão — Introdução à história das bandeiras-I (O. Completas)

CARTAS DE AMOR AOS BEATLES
LUANDINO VIEIRA — LUANDA (Prémio Mota Veiga)

LIVRARIA ABC
Largo D. João IV — 17/18
C. P. 1245 — LUANDA

ARTES E LITERATURA

